

O projeto expositivo de circulação produz quatro exposições com obras da Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE), em depósito no Centro de Arte Contemporânea de Coimbra (CACC), as novas aquisições (2019-2022) da CACE, obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos e da Coleção António Cachola. “Um silabário por reconstruir” projeta-se em quatro lugares e momentos: Coimbra, no CACC e Sala da Cidade, de fevereiro a maio de 2025; Elvas, no Museu de Arte Contemporânea, de julho a outubro de 2025; Óbidos, na Galeria NovaOgiva, de dezembro de 2025 a fevereiro de 2026 e Porto, na Culturgest, de março a maio de 2026.

Pela diversidade dos quatro espaços, em cada lugar desenha-se uma exposição com um núcleo central de peças que epitomam os aspetos centrais do projeto, às quais são acrescentadas obras em função da arquitetura e do desenho expositivo de cada um dos espaços, bem como da participação dos quatro co-curadores jovens que fazem equipa com o curador e autor do projeto. O projeto curatorial é pensado a partir do universo literário por dois motivos. O primeiro, ligado ao tema eleito, que apresenta obras demonstrativas de um trânsito entre o visível e o dizível (a imagem e a palavra); o outro motivo decorre da inclusão do conceito de narratividade (a condição para a presença de um potencial narrativo nas obras), no sentido de que é criada uma narrativa principal, comum aos quatro espaços, à qual se juntam narrativas encaixadas, com peças diferentes em cada um dos lugares.

As obras compreendem um largo período temporal, de 1980 a 2021, de artistas das mais variadas gerações (nascidos entre 1930 e 1990), e in-

tegram todos os suportes formais e géneros: desenho, pintura, escultura, fotografia, vídeo, instalação e performance.

Em algumas das peças, a leitura narrativa é sugerida de forma evidente quando os artistas usam marcas da língua inscritas na pele da imagem, colocando em marcha uma aparente tensão entre a imagem pura e a presença desestabilizadora da palavra; noutras obras há marcas de línguas em potência (desenho de uma escrita primitiva), entre a pura visualidade e uma provável semântica. Da mesma forma, apresentam-se obras cuja narratividade surge de aspetos formais no plano da representação (encenação de gestos ou comportamentos reconhecíveis e identificáveis com micronarrativas, na maioria dos casos, vindas do quotidiano) ou mesmo de elementos paratextuais (a própria legenda como indutora de uma leitura narrativa, o título ou outros elementos secundários da obra).

Na Culturgest Porto, a exposição propõe múltiplas linhas de leitura. Não há percursos fixos; cabe ao leitor — mais do que ao espectador — aceitar ou interromper sequências, ensaiar derivações. A exposição afirma-se como obra aberta, na qual ler é também uma forma de escrita. Como preâmbulo, escuta-se *Drop the bomb!* (1994), de Luisa Cunha: fragmentos de uma narrativa em potência ecoam o título da exposição.

No centro da sala, *Vadios* (2018), de João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira, convoca a arquitetura do desejo sob o signo da vigilância. A estrutura circular, de matriz panótica, coloca o visitante entre a possibilidade de libertação e a censura interiorizada. Em *Cruz* (2006), o título reorga-

niza o sentido: a âncora revestida de caricas de Água Luso problematiza a construção ideológica da memória coletiva. Já em *Rombordados* (2020), de Von Calhau!, figuras ambíguas intensificam a leitura caleidoscópica.

Carla Filipe ativa o espaço através do som, convocando músicas de trabalho recolhidas por Giacometti e Lopes-Graça. Cadeiras empilhadas e cartazes privados da palavra sugerem uma assembleia adiada. *O Povo reunido Jamais será* (2009-10) deixa a máxima revolucionária em suspenso, entre promessa e apagamento. A experiência íntima e coletiva é tensionada na obra de Fernanda Fragateiro. Desenhando o gesto da escrita ocidental, *Estante e Coleção de livros de autores que se suicidaram* (2000), convida à reflexão sobre a fragilidade da existência. A paleta de Mondrian dialoga com a cosmologia cromática de Matt Mullican, na qual o amarelo revela o mundo emoldurado da arte e das ideias.

Em *Humano Jarra* (2021), Pedro Huet encena corpos-jarra articulados, cuja projeção intensifica a sua dimensão performativa e metamórfica. Nancy Spero reinterpreta a história a partir da centralidade da figura feminina, evocando a deusa egípcia da abóbada celeste e dos astros — *The Goddess Nut* (1989). A noite atravessa *Untitled (N'en Finit Plus)* (2010–2011), de João Onofre. A canção utiliza a melodia de *Needles and Pins* (1963), transformando a letra original, centrada no ciúme e no desgosto amoroso, numa reflexão existencial. Em loop, o vídeo não oferece clímax nem conclusão: tal como na exposição, o sentido não se encerra, transforma-se na repetição, mantendo a narrativa em aberto.

Carla Filipe
Fernanda Fragateiro
João Onofre
João Pedro Vale +
Nuno Alexandre Ferreira
Luisa Cunha
Matt Mullican
Nancy Spero
Pedro Huet
Von Calhau!

7 MAR 2026 — 28 JUN 2026
CULTURGEST
PORTO

CULTURGEST PORTO
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados n.º 104
4000-065 Porto

Horário | Timetable:
13h00 – 18h00
Encerra às segundas-feiras
(última admissão às 17h45)
Closed on Mondays
Last admission at 5:45 PM

ENTRADA GRATUITA | FREE ENTRY

UM SILABÁRIO POR RECONSTRUIR¹



O projeto curatorial é pensado a partir do universo literário por dois motivos. O primeiro, ligado ao tema eleito, que apresenta obras demonstrativas de um trânsito entre o visível e o dizível (a imagem e a palavra), o outro motivo decorre da inclusão do conceito de *narratividade* (a condição para a presença de um potencial narrativo nas obras) no sentido em que é criada uma narrativa principal, comum aos quatros espaços, a que se juntam narrativas encaixadas, com peças diferentes em cada um dos lugares.

Curadoria:
José Mações de Carvalho
e Filipa Valente

Organização
Câmara Municipal de Coimbra / Centro de Arte Contemporânea de Coimbra
Apoio Oficial
República Portuguesa / d'ARTES
Parceiros RPAC
Museu de Arte Contemporânea de Elvas / Obidos / NovaOgiva

¹“(…) Eu disse-te que a arte é o anzol que fere a morte, /que luta com ela, deixa vestígio, /um silabário por reconstruir. (...)”, Luís Quintais, *A noite imóvel*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2017, pág. 146.

A SYLLABARY TO RECONSTRUCT²

² The title is a verse from a poem by Portuguese poet Luís Quintais: “I told you art is the hook that pierces death, / that battles it, leaves a trace, / a syllabary to reconstruct. (...) Luís Quintais, *A noite imóvel*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2017, p. 146.

The exhibition project unfolds across four venues, bringing together works from the State Contemporary Art Collection on deposit at the Coimbra Contemporary Art Center (CACC), recent acquisitions (2019–2022) of the same collection, as well as works from the Caixa Geral de Depósitos Collection and the António Cachola Collection. *Um silabário por reconstruir* [A Syllabary to Reconstruct] is organized into four chapters across different locations and moments: Coimbra, at CACC and Sala da Cidade — the former refectory of the Monastery of Santa Cruz — from February to May 2025; Elvas, at the Museum of Contemporary Art, from July to October 2025; Óbidos, at Galeria NovaOgiva, from December 2025 to February 2026; and finally, Porto, at Culturgest, from March to May 2026.

Each chapter responds to the specific spatial and architectural conditions of its host site. While the exhibitions share a core group of works reflecting the project’s central concerns, each venue incorporates additional pieces

selected in dialogue with its context. This adaptive curatorial process is developed in collaboration with four young co-curators who work alongside the lead curator and project author. At its core, the project is informed by a literary framework for two distinct reasons. First, conceptually, it focuses on works that move between the visual and the verbal, between image and text. Second, it engages the notion of narrativity, weaving a primary narrative thread common to all four spaces while unfolding embedded narratives through site-specific constellations of works.

The exhibition spans works created between the 1980s and 2021, representing multiple generations of artists (born from the 1930s to the 1990s) and encompassing a wide range of media: drawing, painting, sculpture, photography, film, installation, and performance.

In several pieces, narrative is explicitly foregrounded. Some artists inscribe language directly onto the image,

producing a deliberate tension between visual autonomy and the destabilising presence of text. Others introduce traces of language in latent form —script-like marks on the verge of meaning, suspended between pure visuality and possible semantics. In certain works, narrative emerges through recognisable gestures or staged scenes that evoke micro-narratives rooted in everyday life. Elsewhere, it is suggested through paratextual elements — titles or captions — that orient and inflect interpretation.

At Culturgest Porto, the exhibition offers multiple interpretive trajectories. There are no fixed paths; it is up to the reader —rather than merely the viewer— to follow or interrupt sequences, to linger, to wonder. The exhibition thus unfolds an open work, in which reading becomes a form of writing. As a preamble, we hear *Drop the bomb!* (1994), by Luisa Cunha: fragments of a possible narrative resonate with the title of the exhibition. In the centre of the room, *Vadios* (2018), by João Pedro Vale and Nuno



Pedro Huet (Portugal, 1993)
Humano Jarra, 2021
Chapas de ferro
Iron plates
(7x) 134 x 32 x 20 cm
Coleção de Arte Contemporânea do Estado (em depósito no Centro de Arte Contemporânea de Coimbra)
Portuguese State Contemporary Art Collection (on deposit at Centro de Arte Contemporânea de Coimbra)



Nancy Spero (EUA, 1926-2009)
The Goddess Nut, 1989
Impressão manual e colagem impressa sobre papel
Hand print and printed collage on paper
(7x) 280 x 52,5 cm
Coleção de Arte Contemporânea do Estado (em depósito no Centro de Arte Contemporânea de Coimbra)
Portuguese State Contemporary Art Collection (on deposit at Centro de Arte Contemporânea de Coimbra)

Fernanda Fragateiro (Portugal, 1962)
Estante e Coleção de livros de autores que se suicidaram, 2000
Madeira (carvalho maciço) e livros
Wood (solid oak) and books
140 x 250 x 20 cm
Coleção / Collection Caixa Geral de Depósitos
Foto: DMF, Lisboa



Alexandre Ferreira, summons the architecture of desire under the sign of surveillance. The circular structure, with its panoptic matrix, places the visitor between the possibility of liberation and internalized censorship. In Cruz (2006), the title reorganizes the meaning: the anchor covered with Luso water bottle caps problematizes the ideological construction of collective memory. In *Rombordados* (2020), by Von Calhau!, ambiguous figures intensify the kaleidoscopic reading.

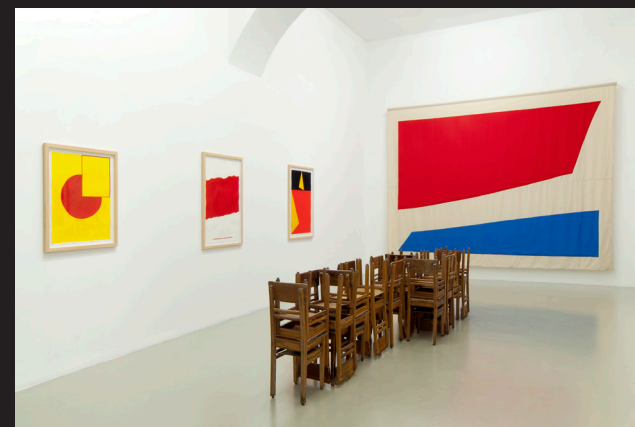
Carla Filipe activates the space through sound, invoking work songs collected by Giacometti and Lopes-Graça. Stacked chairs and wordless posters suggest a deferred assembly. *O Povo reunido Jamais será* (2009-10) sus-

pends the revolutionary slogan, between promise and erasure. The intimate and collective experience is heightened in Fernanda Fragateiro’s work. Drawing on the gesture of Western writing, Estante e *Coleção de livros de autores que se suicidaram* (2000) invites reflection on the fragility of existence. Mondrian’s palette resonates with Matt Mullican’s chromatic cosmology, where yellow reveals the framed world of art and ideas.

In *Humano Jarra* (2021), Pedro Huet stages articulated jar-like bodies, whose shadows intensify their performative and metamorphic dimension. Nancy Spero reinterprets history through the centrality of the female figure, evoking the Egyptian goddess of the celestial vault and the

stars —*The Goddess Nut* (1989). Night falls across *Untitled (Nen Finit Plus)* (2010–2011), by João Onofre. The song borrows the melody of *Needles and Pins* (1963), substituting its original lyrics about jealousy and heartbreak with an existentialist text. On loop, the video offers neither climax nor resolution: as in the exhibition, the meaning is not closed, but continuously reconfigured, keeping the narrative open.

Curators:
José Maças de Carvalho
and Filipa Valente



Carla Filipe (Portugal, 1973)
O Povo reunido Jamais será, 2009-2010
Acrílico sobre papel, cadeiras de madeira, aplicação sobre tecido e canções do trabalho (seleção de 15 temas retirados da Antologia da Música Regional Portuguesa por Fernando Lopes-Graça e Michel Giacometti, 2.ª edição, Ed. Arquivos Sonoros)
Acrylic on paper, wooden chairs, intervention on fabric, songs on work (selection of 15 songs from the Anthology of Portuguese Regional Music by Fernando Lopes-Graça and Michel Giacometti, 2nd edition, Ed. Arquivos Sonoros)
Dimensões variáveis/ *Variable dimensions*
Coleção / Collection António Cachola